Ano I — N.º 3 16 — 5 — 1920

A COMUNA

ORGÃO COMUNISTA LIBERTÁRIO (Antigo quinzenário A AURORA)

PROPRIEDADE DO GRUPO DE PROPAGANDA LIBERTÁRIA — (Formulaire de la loi contre la presse)

Editor: ANTÓNIO TEIXEIRA

Comp. na Tip. de «A COMUNA» — Imp. na Tip. A INTERMEDIÁRIA, Porta do Sol, 32

Redactor principal: SERAFIM CARDOSO LUCENA

Redacção e Adm., (Provisória): RUA DO SOL, 131 — PORTO

CORRESPONDÊNCIA: APARTADO 17

Administr[illegible] CASTELO

NÚMERO AVULSO: 5 CENTAVOS

O FIM

A maré sobe.

Numa vara de ignominia se afunda, dia a dia, a tôrpe malta que sôbre o mundo desencadeia tôda a série de catastrofes em que ha-de subverter-se a velha sociedade burgueza, ameaçada de morte. A crónica do crime capitalista enriquece-se, de momento para momento, com mais façanhas, com mais infámias, com mais latrocínios, com mais massacres. Hoje é a quadrilha da moagem, àmanhã a dos açúcares, depois são os fósforos, é o calçado, as carnes, o azeite, o carvão, as batatas, e o vestuário, servindo de pretexto para o esmagamento, a exploração, o roubo de que as massas populares são a vítima eterna, a vítima de todos os tempos, sempre perseguida, sempre espoliada, sempre escarnecida. As reclamações feitas ha dias, num comício efectuado no teatro Apolo em Lisbôa, concretizadas, firmadas e até generalisadas, por parte de indivíduos que na política militante da República têem logar de destaque, trouxeram à tona dêsse infinito charco de escândalos em que chafurda tudo isto, estranhos e monstruosos casos que não deixam no espírito dos mais hesitantes, a menor sombra de dúvida acêrca da provisão que corroeu até às mais íntimas fibras, o organismo social que suportamos. É bem o encerrar dum ciclo histórico, político económico, sossobrando na mais estrondosa de tôdas as derrocadas a que a humanidade tem assistido. O delírio colectivo em que vão de tropel as classes dominantes, arrastadas para êsse abismo que ha-de tragal-as, toma às vezes um singular aspecto patológico, em que os *tipos* resaltam com um relêvo hospitalar. Porque é um manicómio, a sociedade actual. E o psiquiatra atento em anotar as características dessa loucura trágica, certo ha-de fixar inéditos delineamentos. A febre de gozar, como quem se despede da vida já condenada num repelão de fúria sensual, põe nêsses extraordinários *sugets* o vinco rigoroso que a perturbação do ambiente determina. O erotismo, a jogatina, o luxo desenfreado, o alcool, a política e o automóvel, trazem nessa dansa macabra, em turbilhão, os egoismos que o terror da hora final dementa como os tripulantes dum navio naufragado que se furtam aos horrores da morte na balbuciação anestesiante da embriaguez.

E a bandalheira arrebata os condenados, afunda-os nêsse esterquilínio que é hoje a vida social, e assim vemos os dejectos duma classe que dominou dois séculos, a exibir a decadência do carácter e da mentalidade num fundo acarnoado anunciador de negras vindictas, escorrendo prostituições e pederastia...

A maré sobe. Sentem-se os vagalhões revoltos e avassaladores duma tempestade que, já ruge, lá fóra. E dessas stepps infinitas da Rússia, um vento de preságio sopra, por sôbre o mundo, e nos seus turbilhões ouve-se o sinistro e agoirento éco dum dobre.

O estertôr já começou...

RELEMBRANDO

... ¿De que se admiram os fautores de repressões ferozes, ditaduras militares, e formas de govêrno regressivas?

Em todos os tempos e países, as opressões e tiranias provocaram conspirações. Sempre os conspiradores se premuniram com as armas do seu tempo. Pois que conspirar desarmado é platonismo de ingénuos ou divertimento arriscado de quem sofre de lesão cerebral.

Já lá vão anos, e não escassos, em que as fôrças regulares e o povo possuíam armas iguais! A invenção das espingardas de tiro rápido e grande alcance, o aparecimento das metralhadoras e a perfeição da artilharia deslocaram a maneira de combater...

Se é barbara a dinamite, ¿que civilização existe na metralha, nas surriadas da infantaria, nas ferraduras dos cavalos e nas catanas dos cavaleiros que carregam, na destruição em massa? ¿Que diferenças de piedade distinguem entre ter os miolos vasados por um estilhaço da artilharia, ou voar em pedaços com a explosão dum petardo? ¿Em que código de humanitarismo se encontram os luzes de melinite ou de ximose, e a granizada cega de balas que um schrapnell despede?...

PÁDUA CORREIA.

(Um dos vultos republicanos que mais contribuiu para a quéda da monarquia.)

CENTRO COMUNISTA DO PORTO

Convidam-se todos os sócios a assistir à assembleia geral que terá logar na proxima quinta feira, 20, às 21 horas, afim de se proceder à leitura e apreciação do programa e suas bases.

* * *

No domingo, 20 de junho, às 21 horas, realisar-se há no Teatro Carlos Alberto, um espectaculo, subindo à scena as peças:

TRIUNFO,
AMANHÃ
OS CRIMINOSOS

O produto dêste espectaculo destina-se à remodelação da séde do Centro e acquisição de mobiliário para instalação de aulas de instrução primária e português.

Os bilhetes acham-se à venda na séde do Centro, na rua Fernandes Tomás, 224; rua de Santo Ildefonso, 282 e na Sapataria Gonçalves & Quintans, à Cancela Velha.

A séde do Centro encontra-se aberta todos os dias das 21 às 23 horas.

CONFERENCIA

No Centro e Biblioteca de Estudos Sociais «Os Filhos do Visco», realisa na próxima quinta-feira, 20 do corrente, pelas 20 horas, uma conferência sob o têma *Os filhos do Visco e a educação social*, o nosso camarada Serafim C. Lucena.

¿ESTAMOS PREPARADOS?

(CONTINUADO DO N.º 2 de «A COMUNA»)

SOLUÇÕES REVOLUCIONÁRIAS

Não faltará quem diga que as soluções que proponho, são soluções revolucionárias. E, com efeito, a aplicação prática de tudo o que disse, comporta, em si, o que nós chamamos a Revolução.

¿Mas nós havemos de ter medo das palavras? ¿Perante uma operação cirúrgica, cruel e perigosa, mas reconhecida como útil e necessária, nós devemos pôr de parte a idea?

O espíritos timoratos talvez quisessem seleccionar, aceitando algumas das minhas soluções e repudiando outras. E' impossível.

Dentro do Estado capitalista, tôdas as instituições são solidárias entre si. A solidez do edifício só se nos apresenta pelo conjunto, pela totalidade das suas múltiplas divisões. Falida uma, tôdas as outras se esboroariam.

¿Acaso não se daria o mesmo no edifício revolucionário?

Do desarmamento à abolição do Estado, quere dizer, da base ao cume, tudo tem relação, tudo constitui bloqueio.

As reformas parciais são estéreis; as meias-medidas não resolvem os problêmas.

A questão, portanto, relega-se, em absoluto, à fórmula — *tudo ou nada*.

Chegou o momento de querer e de realizar tudo.

Nunca as possibilidades revolucionárias foram tam fortes, nem tam convergentes. E para a transformação total da sociedade, nunca a hora foi mais propícia do que a hora presente.

REIVINDICAÇÃO ÚNICA

Todos nós sentimos a necessidade, e exprimimos o desejo de operar esta transformação. ¿Como?

¿Qual ha-de ser o ponto de partida para êste movimento formidável?

O que torna forte a classe burguesa é a união indissolúvel de todos os burgueses quando vêem os seus interêsses ameaçados. E o que torna fraca a classe trabalhadora, é que, no próprio terreno económico, onde se confundem os interêsses dos proletários, êstes encontram-se divididos.

Ora o proletariado só poderá sair vitorioso da luta empreendida se estiver unido contra o inimigo comum. Neste caso é necessário procurar um ponto de inteligenciação, uma espécie de campo de manobras, onde deverá operar-se a concentração revolucionária.

O PONTO DE INTELIGENCIAÇÃO

Em conseqüência de tudo quanto tenho dito, procurarei uma reivindicação única susceptível de ser o campo de manobras de que vos falei.

Depois duma serena reflexão, renunciei às reivindicações de ordem moral e política, porque entendo que estas reivindicações não podem trazer, de momento, a coesão necessária.

Prescrutei, a seguir, os domínios económicos; e o resultado dêste exame demonstrou-me que, sôbre as questões de salário, condições de trabalho, duração da jornada, etc., não se podia conseguir o desejado ponto de inteligenciação, em conseqüência das desigualdades existentes.

Portanto, procurei um *facto único*, susceptível de erguer todos os trabalhadores em favor duma só reivindicação.

O FACTO ÚNICO

O facto único vem a ser: *a carestia da vida*.

Unico, porque todos os trabalhadores, operários, empregados, funccionários lhe sentem os efeitos.

Unico, porque, infalivelmente, todos são vítimas do mesmo mal.

O negociante, o carniceiro, o droguista, o sapateiro, o assambarcador, o lojista, etc., vendem ao mesmo preço, tanto para o operário que ganha cinco escudos diários, como para aquêle que ganha três.

O preço de venda dum produto qualquer — o açúcar, o pão, o queijo, a manteiga, o leite, o carvão, etc. — é igual para todos; e quando sobe o preço dêstes géneros, sobe para tôdas as categorias de indivíduos, sem distinção de ofícios nem de salários — os encargos são, matemáticamente, os mesmos, peso, preço e qualidade, para todos.

UMA SUPOSIÇÃO

Eu suponho que todos os patrões, postos de acordo, podiam, num dado momento, diminuir, brutalmente, os salários em 60 centavos diários, ou sejam três escudos e 60 centavos semanais. Imagino que êste *gesto* havia de determinar um protesto e uma sublevação unânimes no mundo operário.

Trabalhadores! Não é verdade que não tolerarieis semelhante patifaria?

UMA INDEMNISAÇÃO

Contra êste «facto único» — a carestia da vida — proponho uma reivindicação única: a obtenção da *Thune*, a thune, moeda redonda, sem fracção decimal, a thune, expressão popular. Como conseqüência, cem centavos, um escudo, viriam aumentar os salários, primas e indemnizações em vigor.

Consequentemente proponho que, numa data fixada (o mais breve possível) todos os trabalhadores, sem distinção de sexo nem de idade, reclamem dos seus patrões a concessão dum escudo diário como ajuda de custo da vida. Proponho que, aos patrões, não se concedam mais de quatro dias para darem uma resposta. E proponho, finalmente, que, no caso dos patrões se negarem a prestar êste auxilio se adoptem medidas enérgicas e radicais para se assegurar o triunfo da classe trabalhadora.

MEIOS

Os trabalhadores teem um organismo cujo papel consiste em defender o conjunto das organizações operárias, e cuja missão se destina a fazer sair triunfante o movimento reivindicador. Esse organismo é a Confederação Geral do Trabalho. O movimento deve, pois, partir do indivíduo para a colectividade, do organismo celular para o organismo central, quere dizer, dos sindicados para os Sindicatos, e dêstes para as Bôlsas, Federações profissionais, locais, regionais; e, finalmente, dêstes organismos para o Comité Confederal.

(*Conclui*).

A REVOLUÇÃO SOCIAL E O SENTIMENTO RELIGIOSO

A RELIGIÃO E A SUA ORIGEM

As religiões aparecem sôbre a terra, quando o homem, vergado ao peso da sua ignorância, fica pasmado e confuso ante os fenómenos da Natureza.

De tudo que o rodeia, tem o homem, na sua infância, uma concepção muito rude e grosseira. O vento e as chuvas, o trovão e o relâmpago, as estrelas e o canto das aves, a escuridão da noite como a luz do dia, são para êle, motivo de graves apreensões. Errante e nú, pelas selvas, sem lucidez e incapaz de antevêr a causalidade do sistema orgânico ou inorgânico, a que se prende a sua existência, êle toma como sobrenaturais, todos os factos incompreendidos que se desenham à sua vista. Começa aqui o temôr pelo desconhecido, isto é: o ponto inicial da religião.

O homem selvagem, sem a precêpção nítida da sua própria vontade, vagando ao acaso pela terra, ao acaso deixa vaguear também o seu pensamento. Não podendo descobrir a mão invisível, que, durante um vendaval, derruba uma árvore, que faz tremer a terra e que das suas entranhas faz também vomitar fogo, sob o terror que êsses factos misteriosos lhe inspiram, aceita as fantasias inventadas pela imaginação dos mais atilados. Apavorado, apoplético e confuso, experimenta sensações novas, cujo sentimento, para abrandar a cólera do desconhecido, se inspira num culto religioso nascente, que exterioriza por súplicas, promessas ou sacrificios.

Segundo as mais sábias investigações, foi o Sol o primeiro Deus da humanidade. Mas o seu culto, que devia ser belo, na forma rude duma concepção ingénua, decaiu numa comédia, grotesca e tôla, mais aviltada ainda por aquêles que se utilizam dos seus efeitos para submeter a alma, simples e flexível, da humanidade, a um jugo tirânica de submissão e exploração. Búda, Bráma, Apólo, Isis, Orisis, Cristna ou Jeóva, não são mais que lendas místicas, cujas interpretações são fundamentalmente equivalentes. Em tôdas estas divindades está o *filho-de-Deus*. E Jesus, é a continuidade desta série, cuja ideologia se desenvolve com milhares de mitos e lendas similares, desde o homem primário até ao sectario da Igreja de Roma.

Com nomes diferentes, sucede-se a tradição religiosa, que se transforma e apropria a todos os lugares e a todos os momentos, conforme o grau de desenvolvimento intelectual dos povos a que se amolda. Contudo a essência dessas tradições desenvolve-se dentro do mesmo ambiente em que o homem da antiguidade, sentiu as primeiras tentações para as recompensas do céu.

Os livros sagrados da India anunciam o nascimento de Cristna e Búda. Na China fala-se de Yu e Lao-Tsé. As lendas judaicas, mostram a estrela que anuncia aos Magos o nascimento de Moisés, como a estrela do Ocidente anuncia o nascimento de Abraão e da mesma forma que a estrela do Oriente ensina os caminhos da Galileia, onde havia recem-nascido Jesus de Nazaré.

O passado legou às gerações que lhe sucediam grande quantidade de crenças e essas radicaram-se tam fundamente, que chegaram a paralizar e a perverter o esfôrço humano. Só o fanatismo se desenvolve. Desde o homem dos campos até ao habitante das cidades, tudo era obediência passiva à vontade de Deus, e só a voz dos seus representantes na terra, era escutada, sob pena de se incorrer nas suas cóleras.

É sob a influência do terror supresticioso e duma provisão de mistérios, humildades e abnegação, que se colhem os primeiros frutos do sentimento de religiosidade, que se opõe, com o seu fanatismo, a tôdas as ideas novas que despontam. E com êste sentimento adulterado, vilipendiado pelas classes sacerdotais, codifica-se uma moral, estabelece-se uma civilação, arrasta-se o homem por uma vida de vilipendios, afrontas e tiranias. E essa moral e essa civilização, tem como síntese suprema a cubiça, o capricho, a vaidade e o vicio. Nisto se resumem as expressões mais vulgares dos preconceitos originários, da sobrevivência atávica e defeituosa da consecução da vida, sob a influência dos artificios grosseiros e absurdos dos princípios primordiais das religiões.

TÉRCIO TURDETÃO.

FOLHEANDO A IMPRENSA

COMO FOI RECEBIDA «A COMUNA»

Do *JORNAL DE NOTICIAS*:

Em substituição da «Aurora» apareceu agora no Porto um novo e interessante periódico, orgão comunista libertário e propriedade do Grupo de Propaganda Libertária.

E' seu redactor principal o conhecido propagandista Serafim Cardoso Lucena.

A COMUNA, à qual desejamos vida larga e fartas prosperidades, apresenta-se brilhantemente colaborada.

Lêde e propagai a

Bandeira Vermelha

... *Semanário Comunista* ...

DANDO A MÃO

Diz o «Noticias», a proposito da manifestação do 1.º de Maio:

Como previramos, a comemoração festiva da jornada do 1.º de Maio decorreu ontem, nesta cidade, sem o menor incidente tumultuoso.

O proletariado fez em publico, livremente, as afirmações que entendeu, manifestando as suas ideas revolucionarias ou os anelos de uma vida melhor, sem que da banda das autoridades houvesse qualquer atitude de coacção, como a servir de pretexto a desarmonias. Por isso mesmo tudo deslizou ordeiramente.

Por onde se prova que é sempre a intervenção da autoridade que provoca a desordem.

Estamos de acordo.

ESTADO E DITADURA

O estudo que hoje fomos buscar aos arquivos da literatura revolucionária, é duma flagrante actualidade. O alto espírito que o ditou na lógica dos seus admiráveis e claros raciocínios, foi o mais formidável demolidôr do seu tempo. Parece ter previsto, com rara clarividência, os acontecimentos actuais e a lição dos factos que observou, dos homens que conheceu e dos movimentos a que assistiu, dão um singular valor de prova, às suas conclusões doutrinárias.

Tiramos a nossa concepção do *progresso* das sciências e da indústria. Vemos aí que uma descoberta se associa a outra descoberta, uma máquina a outra máquina, uma teoria a outra teoria; notamos que uma hypótese, ao princípio admitida como verdadeira e mais tarde provada como falsa, é imediatamente, necessariamente substituida por outra: de sorte que nem falha nem lacuna nos conhecimentos, mas sim acumulação e desenvolvimento contínuo.

Esta concepção do *progresso*, aplicamol-a à sociedade, quero dizer aos grandes organismos que, até hoje, lhe serviram de formas. Portanto queremos que tôda a constituição política seja um aperfeiçoamento da constituição anterior; que tôda a religião apresente uma doutrina mais rica, mais completa, mais harmónica, que aquela que vem substituir; com mais forte razão, que tôda a organização económica, reabre uma idea mais vasta, mais compreensível, mais integral que a do sistêma precedente. Não poderíamos conceder que a sociedade, ao avançar num ponto retrogradasse noutro. E a primeira pergunta que faríamos aos inovadores que falam em reformar a sociedade, abolir esta ou aquela instituição, seria esta: «*Que ides pôr no seu lugar?*»

Os homens que se ocupam em governar os espíritos prevenidos de ideias religiosas, aqueles que se apaixonam pelas construções metafísicas e as utopias sociais, e a seguir o vulgo, não podem compreender que a razão, a consciência, e muito mais ainda a sociedade, tenham a sua ontologia, a sua constituição essencial, cuja afirmação sempre mais explícita, é a *profissão de fé* perpétua da humanidade. Destruido um sistêma, procuram logo outro, teem necessidade de sentir o seu espírito em universalismo e categorias, a sua liberdade em prohibições e licenças. Coisa espantosa, a maior parte dos revolucionários só pensam, à semelhança dos conservadores que êles combatem, em construir prisões para si: parece-se com o companheiro, que vai de estalagem em estalagem, de oficina em oficina, apanhando alguns escudos, melhorando o seu estado, até que enfim, de volta à terra de origem, chee... nas delícias do *ménage*.

Nada mais falso do que êste conceito do progresso social.

O primeiro trabalho das sociedades é fazer um conjunto de regras, essencialmente subjétivas, obra dos espíritos especulativos, admitida pelo vulgo sem discussão, que justifique a necessidade do momento que houve de tempos a tempos a habilidade dum principe justo; mas que, sem fundamento na vida da espécie, degenéra cêdo ou tarde em opressão. Logo começa contra o podêr um trabalho de negação que não pára mais. A liberdade, conquistada sob direcção, tende a ocupar todo o logar: enquanto o político se esforça por reformar o estado e procura a perfeição do sistêma, o filosofo constata que esse pretenso sistêma é zero; que a verdadeira autoridade, é a liberdade; que em vez de uma *constituição de podêres creados*, o que a sociedade procura é o equilíbrio das suas fôrças naturais.

Acontece o mesmo, de resto, com tôdas as coisas que procedem da pura razão. Ao princípio estas construções parecem necessárias, dotadas do mais alto grau de positivismo, e a questão parece unicamente reduzir-se a consideral-as no seu todo absoluto. Mas logo a análise, apoderando-se dêsses puros productos do entendimento, demonstra o seu vasio e só deixa sustentar, em seu logar, a faculdade que os fez registar todos, a critica.

Assim, quando Bacon, Ramus, e todos os livres pensadores derrubaram a autoridade d'Aristoteles, e introduziram, com o princípio *de observação*, a democracia na escola, qual foi a conseqüência dêsse facto?

A creação doutra filosofia?

Muitos o acreditaram, muitos o crêem ainda. Descartes, Leitwity, Spinoza, Malebranche, Wolf, ajudados por novas luzes, puzeram-se sôbre esta tábua raza, a construir sistêmas.

Estes grandes que se diziam influenciados por Bacon e sorriam do Peripaltelico, não compreendiam: todavia que o princípio, isto é, a prática de Bacon, *a observação*, directa e imediata, sendo de domínio de tôda a gente, sendo infinito o campo em que se exerce e inúmeros os aspectos das coisas, não havia já logar na filosofia quer para um sistêma quer para uma autoridade. Onde só os factos fazem autoridade, não ha mais autoridade; onde a classificação dos fenomenos constitue tôda a sciência, sendo infinito o numero dos fenómenos, ha só um encadeamento de factos e de leis, cada vez mais complicado e generalisado, nunca a filosofia, nem primeira nem última. Em vez, pois, duma constituição da natureza e da sociedade, a nova reforma só deixava procurar o aperfeiçoamento da critica, de que era a expressão, isto é, com o exame imprescritivel e inalienável das ideias e dos fenómenos, a faculdade de construir sistêmas ao infinito, o que equivale à nulidade de sistêma. A razão, instrumento de todo o estudo, caindo sob o dominio desta crítica, estava democratisada, portanto amorfa, acéfala. Tudo o que ele produz fundamentalmente, fóra da observação direta, era demonstrado *a priori*, vasio e vão; o que afirmava outrora, e que não podia deduzir da experiência, enfileirava-se no numero dos ídolos e dos prejuízos. Ela própria, existindo apenas pela sciência, confundindo as suas leis com as do universo, devia ser reputada como inorgânica: era, por essência, uma tábua raza, a razão era um ser de razão. Anarquia completa, eterna, onde os filósofos e teólogos tenham afirmado um princípio, um auctor, uma hierarquia, uma constituição, princípios primários e causas secundárias: assim devia ser a filosofia segundo Bacon, quase assim foi a crítica de Kant. Depois do *Novum Organum* e da *Crítica da Razão Pura*, não há, não pode haver sistêma de filosofia: se há uma verdade que deve ser refutada como já adquirida, depois dos esforços crescentes dos Fichte, dos Schelling, dos Hegel, dos ecléticos, dos neo-cristãos, etc., é essa. A verdadeira filosofia, é saber como e porque nós filosofamos: de quantas maneiras e sôbre que matérias podemos filosofar; a que vai dar tôda a especulação filosófica. Sistema não existe, não pode existir, e é isso uma prova de mediocridade filosófica, procurar hoje uma filosofia.

Cultivemos, desenvolvamos as nossas sciências, procuremos-lhes as relações; apliquemos-lhes as nossas faculdades; trabalhemos sem cessar em aperfeiçoar-lhes o instrumento, que é o nosso espírito: é tudo o que temos a fazer, nós filosofos, depois de Bacon e Kant. Mas sistêmas! A procura do absoluto! Seria rematada loucura, senão charlatanice, e o recomeçar da ignorância.

Passemos a outro objéto.

Quando Lutéro negou à autoridade da Igreja romana e com ela a constituição católica, e estabeleceu o princípio, em matéria de fé, que todo o cristão tem direito de ler a Bíblia e de a interpretar segundo a luz que Deus lhe deu, quando secularisou assim a teologia, qual foi a conclusão a tirar desta retumbante reivindicação?

A Igreja romana, até então senhora e mestra dos cristãos, laborando no erro doutrinário, ter de reunir um concílio de verdadeiros fieis que haviam de procurar a tradição evangélica, restabelecer a pureza e a integridade do dogma, primeira necessidade da Igreja reformada, e constituiu para a ensinar, uma nova catedra?

Foi com efeito a opinião do própria Lutéro, de Mélanchton, de Calvino, de Bége, de todos os homens de fé e de sciência que abraçaram a Reforma. O tempo mostrou que ilusão isso era. A soberania do povo, sob o nôme de *livre exame* uma vez introduzida na fé como o tinha sido na filosofia, já não podia haver confissão religiosa nem sistêma filosófico. Era em vão que se procurava, por declarações as mais unânimes e solénes, dar corpo às ideas protestantes; não era possível, em nome da crítica, comprometer a critica; a negação devia ir ao infinito, e tudo o que se fizer para a deter era desde logo condenado como uma regressão ao princípio, uma usurpação do direito da posteridade, um acto retrógrado. Por isso, quanto mais anos decorreram, tanto mais os teólogos se dividiram, e as egrejas se multiplicaram. E nisto precisamente assistia a fôrça e a verdade da Reforma: nisto estava a legitimidade, o seu podêr futuro. A Reforma era o fermento de dissolução que devia fazer passar insensivelmente os povos da moral do temor para a moral da liberdade: Bossuet, que fez as egrejas protestantes responsáveis do delito das suas variações, e os ministros que por isso se envergonharam, provaram todos assim quanto desconheciam o espírito e o alcance dessa grande Revolução.

Sem dúvida tinham razão, sob o ponto de vista da autoridade sacerdotal, da uniformidade do símbolo, da crença passiva dos povos, do absolutismo da fé, de tudo o que o movimento crítico determinado por Bacon, ia demonstrar como insustentável e vão.

Mas o papismo, negando o direito ao pensamento e a autonomia da consciência; o protestantissimo, querendo furtar-se às conseqüências desta autonomia dêste direito, desconheciam igualmente a natureza do espirito humano.

O primeiro era francamente contra-revolucionário; o outro, com as suas transacções perpétuas, era doutrinário. Ambos, posto que em diferente grau, se tornavam culpados do mesmo delito: para garantiria crença destruiam a razão, que teologia!...

Compreende-lo-êmos, emfim? Desde o dia em que Lutéro queimou publicamente em Wittemberg a bula do Papa, não ha mais confissão de fé, nem catecismo possível. A lenda cristã não é mais do que a visão da Humanidade, conforme a expozeram, por seu turno, Kant e Lessing, Hegel, Strauss, e em ultimo logar Fuerbach. Nisso está a gloria da Reforma; por isso bem merece da Humanidade e a sua obra, retomando a do Cristo, já traída pelos constituintes de Niceia, ultrajava a do seu autor.

(Continua).

A REACÇÃO EM ESPANHA

A velha organização da sociedade capitalista que, mercê da nossa falta de educação revolucionária, ainda predomina em vários paises do mundo, vendo que está prestes a renunciar os seus privilégios como casta parasitária, e vendo a pujança e o entusiasmo com que os trabalhadores se congregam em volta do Comunismo Anarquista, para conseguir a sua libertação e assegurar o direito à vida, tem despertado o maior rancor nas fileiras da reacção internacional.

E' necessário que os anarquistas de todos os países se movimentem e organizem, para impedir que sejamos continuamente perseguidos e presos, à ordem de qualquer lacaio da burguesia, como presentemente está sucedendo em tôda a parte.

Em Espanha a classe operária tem sido alvo das maiores violências, exercidas pelos detentores do govêrno e os potentados da terra. Há dias em Saragoça foram presos alguns militantes operários, a pretexto de terem assistido a uma reunião considerada ilegal.

Esta violência das auctoridades provocou a gréve geral, tendo as autoridades permitido que aos presos fôsse arbitrada fiança de 100 escudos, sendo esta prestada pelos sindicatos e reabertas as sédes sindicais, para assim se solucionar êste belo movimento de solidariedade proletária.

No momento que escrevemos estas linhas, o proletariado de Valência encontra-se em gréve geral, apesar dos morticínios feitos, para conseguir a libertação dos seus camaradas presos por questões sociais.

Na Catalunha a reacção capitalista, pretendendo destruir os sindicatos únicos e impedir a propaganda anarquista, tem realizado uma série de violências e perseguições, as quais tem conseguido que as massas de produtores que ainda desconheciam as ideas libertárias, se capacitem de que o seu triunfo depende de uma sólida organização aliada à propaganda.

Em Barcelona as prisões estão cheias de operários, entre os quais se encontram os nossos camaradas Silvino Rico e E. Manzanares, pertencentes ao sindicato do Ramo da Pelle e Luciano Rico e Tomaz Herreros, do grupo do campeão «Tierra y Libertad».

Herreros foi julgado em conselho de guerra a 26 de Abril passado, sendo condemnado a dois anos de prisão, quando o o seu crime consiste, apenas em ser o redactor da «Tierra y Libertad».

A imprensa «Germinal», onde se imprimia êste nosso colega de Barcelona foi encerrada e presos os seus operários.

A Confederação Geral do Trabalho de Portugal vai realizar uma activa campanha contra a reacção espanhola que oprime os nossos camaradas do país vizinho.

COMPRAI

A COMUNA

nos seguintes locais:

LISBOA

Federação da Construção Civil—Calçada do Combro, 38.

Tabacaria Barbosa—Rua do Carmo, 67.

Quiosque de Alcantara—Largo de Alcantara.

Rosa & C.ta—Rua do Poço dos Negros, 91-A e 93.

Tabacaria Araujo—Rua da Palma, 59.

Tabacaria Beltran—Rua da Escola Politecnica, 84.

Tabacaria Pina—Travessa da Bica, aos Anjos, 14-J.

Tabacaria Ideal—Rua dos Correeiros, 211.

Tabacaria Pires—Rua do Poço dos Negros, 110-112.

Tabacaria Condes—Avenida da Liberdade.

Tabacaria Saraiva—Travessa de S. Domingos, 4 e 6.

Tabacaria Vouga—Rua do Rato.

A Moldura do Castelo—Largo do Intendente, 58.

Nunes & Pinto—Rua da Bica do Sapato, 16.

PORTO

Em todos os Quiosques e Tabacarias.

SETUBAL

Barbearia Quaresma—Avenida Todi, 322.

SACAVEM

A. J. Neves—Largo da Feira, 74.

VIANA DO CASTELO

Quiosque Universal.

RESQUÍCIOS...

A SORTE DO SOCIALISMO BELGA

II

Naquêle momento, Destrée ainda não era ministro; e os alcaiotes, como Piérard, também não eram deputados. Para excitar a opinião pública, e para se evidenciarem, organizaram, com os seus amigos imperialistas, ultramontanos e conservadores, uma vasta emprêsa de provocação: o *Comité de Política Nacional*. E' necessário que se saiba, que esta associação de bandidos, cujos apetites e ambições repugnariam a criaturas sérias e honestas, foi fundada por socialistas parlamentaristas. O programa que o *Comité* apresentou, resumia-se no seguinte: Anexação da margem esquerda do Réno, do Luxemburgo e de, pelo menos, duas provincias holandesas. Depois do programa impresso e distribuido, votaram-se à propaganda.

Na Bélgica, onde, actualmente se consegue *tudo*, graças à exibição duma grande «pureza nacionalista», êstes senhores duma *integridade* bem manifesta, conquistaram, desde logo, as simpatias da imprensa burguesa e dos altos dignitários da côrte. Júlio Destrée, o fugitivo de Pekin, civil entre os civis, desprezou imediatamente o ridículo e começou a ostentar no peito a cruz de guerra italiana!... Ao mesmo tempo uivava discursos inflamadissimos!

Os muros cobrem-se, como por encanto, de cartazes onde se lia o seu nome em grossos caractéres. Um dêles tinha, juntamente, o nome de dois pantomimeiros políticos, vaidosos e hipócritas: o do cardial Mercier e o do burgomestre Adolfo Max. O cartaz, impresso com filetes tricolores, tinha êstes dizeres em letras berrantes—*Viva o Rei!* Contudo, Destrée e os seus acólitos, continuaram a denominar-se socialistas! E durante êsse tempo, nos seus ministérios, Vandervelde, Wauters e Ansecle faziam o jôgo dos mais irredutíveis adversários do P. O. B.

Decorrido um ano, anunciaram-se as eleições.

A propaganda dos elixires políticos dura algumas semanas, no meio da indiferença geral.

Nos comícios, para armar ao efeito, são utilizadas algumas velhas frases, esquecidas no fundo das memórias. Aparecem, então, os charlatães, e trai-se o povo mais uma vez. Joga-se com o socialismo como quem brinca aos soldados. Bem entendido que, nas reuniões eleitorais, não se fala senão dos «boches» e dos «bolxeviques». E saíram-se bem; porque os raros socialistas que tem o partido, são extrénuos defensores da religião da unidade, o que os torna cúmplices das patifarias cometidas pelos outros.

Os socialistas, nos seus discursos insultaram furiosamente os seus camaradas franceses, exceptuando Renaudel. Ao mesmo tempo invectivaram os socialistas holandeses, ingleses, russos, italianos, enfim, todos os indivíduos que não se deixaram dominar pela maluqueira universal da guerra. E contavam coisas de pôr os cabelos em pé: mãos cortadas, pés esmagados, crâneos triturados, corpos esfacelados, etc., atribuindo êsses crimes, aqui, aos «uhlanos», e lá, ao longe, aos «bolxeviques», ou ao exército vermelho».

Chega o dia 16 de Novembro. O sufrágio universal, puro e simples, substitui o sistêma eleitoral de antes da guerra, que havia servido para eleger a Câmara que terminava o seu mandato. Os socialistas ganharam mais vinte postos. Triunfo!—bradava-se em todos os tons. E esta vitória era mais um argumento a seu favor.

Convêm acentuar que, na Bélgica, as eleições se fazem por lista dúpla. Antes delas se realizarem, os delegados designam a ordem de cada lista. No dia das eleições, o eleitor deve votar lista inteira, cujas secções de voto são expressas na ordem fixada pelos duzentos ou tresentos eleitores do primeiro turno. Lista que tenha um nome riscado a tinta ou a lápis, é lista inutilzada.

Assim, se um candidato pulha, ou desacreditado, tiver alguns amigos, alguns *clientes*, dentre os delegados do primeiro turno, pode conseguir um excelente logar na lista, pela aposição do seu nome. E, desta maneira, como não pode haver riscadelas, todos os eleitores que votarem pelos outros candidatos, votarão igualmente por êle.

Foi por êste processo que Destrée, Pierard e outros se fizeram eleger. Entretanto, afirmam agora que o povo os adora! E' certo que, em Antuérpia, houve um incidente que ensombrou a vitória. Um dos outros renegados do Partido, o doutor Terwagne, por alcunha o Bisão da Flandres — expulso do partido por traição flagrante e difamação de companheiros — apresentou-se sòsinho contra a lista do P. O. B. Destré, Hubin e os seus amigos fizeram, oficialmente, um grande réclame à candidatura de Terwagne, declarando-se mesmo contra a lista socialista, sem que o directório os chamasse a capítulo. Apesar disso, Terwagne obteve apenas algumas centenas de votos, enquanto que Huysmans e outros alcançaram setenta mil.

Este resultado prova, evidentemente, que se os outros traidores não tivessem figurado em todas as listas burguesas, no dia das eleições teriam sofrido um cheque. Mas a desforra, tiram-na êles bem depressa. Assim que Vandervelde e Destrée tomaram novamente conta das pastas de ministros, ordenaram a prisão de Jamar, eleito por Antuérpia, a quem acusam do crime de alta traição, isto depois do inquérito a que procedeu o directório do P. O. B., inquérito que prova à sociedade a sua inocência. E lá o teem no cárcere, há quatro mêses, à espera de julgamento. Ora o único crime que lhe podem imputar, é o de ter corrido à bofetada e a pontapé, o traidor socialista, o doutor Terwagne, o candidato patrocinado pelos nóveis ministros socialistas... a soldo da burguesia...

PAULO COLIN.

NOTAS DUM PERDIDO

Numa das minhas *Notas*, disse já porque razão os imperialistas ingleses se mostram tam apreensivos com os respectivos sucessos da revolução russa, sôbre os contra revolucionários que os mesmo imperialistas tam larga e generosamente teem auxiliado.

O seu dinheiro, a rôdos, tem servido para pagar a exércitos de mercenários, e para forjar e espalhar as calúnias mais disparatadas e mais infames.

Recordam-se os leitores daquela calúnia, que correu mundo, de que os bolxevistas falsificaram o papel moeda dos países seus inimigos, para lhe depreciar o valor, servindo-lhe ao mesmo para alimentár a propaganda a fazer pelos revolucionários simpatisantes, nos respectivos países?

Todos nós sabemos, e bem duramente, como a nossa imprensa é alimentada e a nossa propaganda tem sido feita. Mas isto não quere dizer que deixemos de mencionar aqui êste facto estupendo, há pouco nos arquivos descoberto: Que o processo de combater o inimigo, falsificando-lhe o dinheiro e outros valôres cambiáveis, foi empregado pelos ingleses para combaterem a Revolução Francesa, nos fins do Século XVIII. E' o que consta dum volume publicado em 1801, em Dublin, por Lewis Goldsmith, e intitulado: *Os Crimes dos Gabinetes; ou uma Revista dos seus Planos e Agressões para Aniquilar as Liberdades da França, e o Desmembramento dos seus Territórios.* Lá está, com tôdas as letras, que, em 18 de Novembro de 1795, perante o tribunal de King's Bench, em Londres, um fulano, chamado Srongitharm, reclamava o pagamento dum trabalho no valôr de 50 libras, da parte de um beltrano chamado Lukya. Este último tinha mandado fazer ao primeiro, todo o trabalho necessário para a falsificação de valores franceses, por conta do govêrno inglês, para pagamento ao exército expedicionário do Duque de York, com conhecimento e aprovação do Secretário de Estado, sendo tudo confirmado em pleno tribunal por diversas e graduadas testemunhas, entre elas o coronel Smith, agente do referido Duque. O acusado alegava que tinha o direito legal de se recusar a pagar um trabalho de fabrificação, mas o juis, Lord Kenyon, condenou o acusado ao pagamento do reclamado, ao mesmo tempo que comentava assim: «Há certas leis que não devem ser transgredidas por uma nação, mesmo quando em guerra com outra, se eu não supônho que êste facto fôsse contrário a essas leis».

Em face do que a sua propria história resa, quem me diz que os actuais imperialistas, ingleses e seus aliados, fazendo o mal e a caramunha, não estejam a repetir o trabalho locionado pelos seus semelhantemente honestos antepassados?

Se os bolxevistas tivessem usado êste processo dos seus inimigos, teria sido simplesmente para os fazer ralar, embora muitos suponham até que, nisso, se o fizessem, andariam com certo geito... Porque, verdadeiramente, os homens de dinheiro, estão mesmo a pedir que haja tanto, que tenham todos êles de morrer de indigestão, para que os que nunca o tiveram não hajam de declarar, em breve, que o dinheiro passe a não ter valôr nenhum, o que seria, para todos nós, a ambicionada felicidade.

GRAND-GOSSE

ARTE & ARTISTAS

MAL SECRETO

Se a cólera que espera, a fôr que mata
N'alma e destrói cada ilusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse, o espírito que chora,
Ver através da máscara da face,
Quanta gente que tanta inveja agora
Nos cerca, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, consigo,
Guarda um atroz, recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez, existe,
Cuja ventura não consiste
Em parecer aos outros venturosa!...

RAIMUNDO CORRÊA.

O JORDÃO NA AFRICA

. . . . . .

O logar do desterro de Mário assentava, como já dissemos, numa pequena colina. Era na margem esquerda do Quanza, acima e próximo da grande cataracta. Dentro dum muro alto havia um grande espaço, em parte aproveitado para a cultura de leguminosas, em parte destinado para o passeio da guarnição e dos cativos.

Ao lado esquerdo da entrada do recinto, era a casa da guarda, mais bem construida que nenhuma outra parte do presidio, e com um postigo para as sortidas. Encostadas ao muro, que olha para êste e que prende, em toda a sua extensão, sôbre uma áspera silva, quase a prumo, correm as casamatas, que são quartel dos guardas e prisão dos condenados. Para o lado do sul, é o muro alto também, mas não tanto como no oêste, onde a ascenção podia ser mais fácil.

Dentro do muro está construido um poligono com uma forte e alta palissada, feita de troncos grossos, e profundamente enterrados.

Partindo do lado do corpo da guarda, acompanha, a distância de algumas braças, as sinuosidades do primeiro muro, e depois de caminhar de oêste a sul, vem terminar a lêste, na extrema direita da casa mata, ficando assim defendidas esta e a casa da guarda por dois recintos, ambos fortes. Ha na palissada duas portas, sul e oêste, ambas seguras e baixas; e a guarnição, comandada por um sargento, conta vinte e cinco soldados, quase todos negros, além de um par de enormes cães, ensinados a caçar os negros, e que de noite ficam no espaço compreendido entre os dois recintos, muro e palissada.

Os condenados são agora dez.

Os homens que Mário ali achou, foram para êle a revelação do abismo, a que póde descer uma alma. Nem voz, nem rostos humanos!

Sem piedade para os outros, porque também a não teem para si; taciturnos ou embriagados com a aguardente, que preparam; sem transição do silêncio estúpido para a alegria feroz do selvagem! Comidos de asquerosa imundicie, sem sensibilidade no corpo nem na alma, correm-lhes os dias como uma tarefa, esquecidos de tudo!

Mário não pôde encobrir a repugnância que tais homens lhe inspiravam, e quando lhe indicaram o logar onde havia de dormir, recuou aterrado, e quis reagir contra a má sorte.

Abriu-se então para aqueles corações embotados uma esperança de divertimento, porque já tinham victima. Cairam sôbre Mário as chufas grosseiras; logo depois as ameaças, em seguida a corrente da grilheta, que não lhe haviam posto durante a viagem; e, emfim, o calabouço, onde teve por companheiros os réptis imundos, que o assaltavam, e um ambiente de asfixiante podridão.

O homem forte sossobrou, e buscou um ponto saliente, sobre o qual esmigalhasse a cabeça. Mas nêsse momento deu lhe ainda fôrça, conforto e resignação a imagem de Tereza, que lhe apareceu ruiva, amante e delicada naquele pavoroso recinto.

—¡Oh! ¡como eu te amo! — suspirou ele. — Descança. Hei-de lutar para te vêr um dia. ¿¡Um dia?! ¿Quem me ha-de arrancar desta longinqua prisão? Não importa. Tenho vinte e quatro anos, e ânimo seguro. ¿Se o não tivesse, amava como tenho amado e amo? Mais uma vez disse: Animo!

Começou então a falar com os guardas e companheiros, e venceu quanto pôde a repugnância que todos lhe causavam. Daí em diante trabalhou com outros condenados na faina dum plantio, que fôra ordenado; nas pescarias do Quanza; no córte de lenha na floresta; na colheita das resinas e das gomas; no carreto de água para o forte. Foi, como os outros, um animal de carga, um escravo de trabalhos e de misérias; e acostumou-se a combater as féras do mato, os crocodilos do Quanza, as molestias do clima, e principalmente a própria alma, que muitas vezes desanimava, e considerava a morte como apetecido descanço.

Duas vezes haviam chegado ao forte noticias da Europa; mas para ele, que escrevera logo que tinha desembarcado na Africa, que na vespera da sua vinda para o sertão, escrevera de novo, dizendo que receberia as cartas mandadas para Loanda, não veio uma única. Explicou com silencio como pôde, mas não lhe acudiu a idéia de que Tereza e o vigário se houvessem esquecido dêle ou fossem indiferentes à sua desgraça...

. . . . . .

Um dia, voltava êle com um barril de água às côstas, e viu prêso a um poste, no presidio, um negro de trinta anos talvez, de formas soberbas, um Hercules, de cabelos quase lisos, e cujo rosto seria belo sem a expressão de ferocidade que o caracterisava.

Era um dos dez condenados, porque, sendo escravo, quizera matar o senhor. Nunca falára a nenhum dos companheiros; e castigado com varadas, poucas horas antes, latava agora, com as côstas em sangue e sob um sol abrazador, para quebrar o forte laço que o prendia.

O negro viu a água, e pediu-a com voz ofegante, e como ameaçadora. Mário caminhou para êle.

—¿Que é isso? — perguntou o sargento.

—Vou dar água a êste homem.

—Siga o seu caminho. O preto não tem licença de beber.

E como Mário não executasse prontamente a ordem, reiterou-lha, fazendo sibilar a chibata. Este adiantou-se para o negro, cujos olhos pareciam saltar fóra das órbitas, e que num supremo esforço abalou o poste a que estava amarrado.

O sargento pôz-se diante de Mário, que, de rosto afogueado pelo impulso, o afastou do caminho, lançando-o por terra, e deu ao preso a água, que êle bebeu com ancia.

Horas depois estava Mário na casamata, inconsciente e moribundo, porque foram longos os tormentos que lhe deram, e que sòmente cessaram quando o seu rosto, contraido num paroxismo de dôres e de cólera, lhe caiu inanime sôbre o peito.

O negro assistiu ao suplicio, e acordado com a água que bebera, olhou sempre com extrema indiferença para o castigo do seu bemfeitor.

Ficaram no mesmo quarto os dois delinquentes daquêle dia; um deitado numa tarimba, sem movimento; outro em pé, encostado à parede, taciturno e irritado.

* * *

Caiu a noite. Pouco depois levantou-se a lua no horizonte, plêna e esplêndida; e pelas seteiras abertas no tecto entre os grossos troncos que o formavam, se escoou a branda viração, que lá fôra acordára com o nascer do luar. O negro aspirou-a com delicia, e como despertado por ela, caminhou lentamente para o canto, onde lhe tinham marcado a cama.

Deitou-se, e com geito cauteloso buscou uma posição em que podesse adormecer. Nem olhou para o companheiro, nem porventura nêle pensou.

Enquanto dormia agitado, a lua subia sempre; e as cercanias do presidio, inundadas de claridade, lançavam ao ar os mil sons das arvores balouçadas brandamente; das altas hervas, que ondulavam com a viração; dos animais bravios, que desciam ao Quanza; das aves noturnas, e mesmo das calhandras negras com o dorso amarelo, que antecipavam na formosa noite tropical, o seu canto do romper d'alva.

O luar iluminava a prisão, e batendo sôbre o rosto de Mário, mostrava-o como em relêvo.

O negro acordou com a luz, ou com os gemidos, que êste soltava. Procurou nova posição para adormecer, mas os gemidos continuavam, ainda que raros. Levantou-se então para obter silêncio, e viu o rosto de Mário pálido e contraido, com os olhos fitos no tecto, e com duas grossas lagrimas a correrem-lhe lentamente pelas faces.

Olhou para o mesmo ponto, e nada viu. Chamou o companheiro, mas não teve resposta. Continuavam a fixidez do olhar, a imobilidade completa, e, de quando em quando, um gemido abafado.

Passados alguns minutos de pasmada contemplação, o preto assentou-se numa pedra sem despregar os olhos daquêle rosto impassivel.

A pouco e pouco a sua fisionomia ganhou outra expressão: o olhar feroz tornou-se mais humano. Encostou a cabeça a uma das mãos, e talvez acordou naquella alma embrutecida a memória de um passado, de um bêrço, de outra condição, da liberdade porventura.

Ergueu-se, e foi a um canto buscar água, lembrando-se do bem que recebera algumas horas antes. Chegou-a à boca de Mário, e êste enguliu-a, procurando mais com os labios resequidos; e no fim ouviu-lhe um nome pronunciado com um suspiro. Voltou então ao seu logar e à muda contemplação.

Muito tempo depois correu Mário o quarto com os olhos, e vendo aquêle homem, pediu-lhe mais água. Depois de beber, apertou-lhe a mão, e disse-lhe:

—Muito obrigado, Thadeu.

Este ficou silencioso. Procurou a mão do companheiro de prizão, para a apertam também, mas sem ligar a êste acto mais que a curiosidade de uma creança, que, pela primeira vez, pudêsse tocar uma coisa vedada. Mário respondeu-lhe com um novo aperto, e com sorriso maguado lhe repetiu:

—Obrigado, Thadeu!

O preto estava pasmado! Daí a pouco perguntou ao companheiro quem era.

. . . . . .

Tão grande era a miseria, tal o desalento de Mário, e tanto aproxima os sêres a extrema angústia e o extremo perigo, que lhe foi grato nesta hora dizer a alguêm, mesmo a Thadeu, quanto amava; como fôra prêzo; o que era na sociedade; que estava inocente.

O preto, que tinha saudades do seu ridente país, longe, na proximidade do Zambeze, só entendeu de tudo isto, que Mário tinha também saudades, e que era um branco respeitado e rico na sua pátria. Quanto à inocência, nem entendeu, nem lhe importou.

* * *

Decorreram mêses, e Thadeu, por continuação de castigo, ficou sempre ao lado de Mário.

O gigante só se lembrava de que, ainda pequeno, fôra roubado por traficantes do interior da Africa, e que depois fôra vendido a negros, e passado de mão em mão, até vir ter ali. A sua alma apenas conhecia os terrores pavorosos do fanatismo selvagem; nenhuma luz alumiara jámais aquela superstição sombria!

Mário tentou dissipar tamanhas trêvas, e o preto ouvia-o com afectuosa atenção; mas as ideas mais simples dificilmente achavam caminho naquele espírito embrutecido. Pôde ao menos fazer-lhe sentir, que havia prazer em ser bom, pois que êle se mostrava contente em o ajudar.

—Sim; ao sr. Mário, — lhe respondeu Thadeu.

—E quando tu conheceres gente que te não trate mal, serás bom para todos.

O preto abandona a cabeça, como se não crêsse que alguem mais o tratasse bem.

. . . . . .

Assim lhe correram mêses.

SILVA GAIO.

A COMUNA

Continuamos a publicação das listas de subscrição já recebidas.

Não foi em vão o nosso apêlo. E o auxílio que de todos os lados nos vem sendo prestado, prova que todos os nossos camaradas estão concordes na necessidade de sustentar na imprensa um baluarte de defeza e propaganda das doutrinas comunistas-libertárias.

Aos camaradas que tenham em seu poder listas de subscrição já completas pedimos a fineza de as enviarem a esta administração, a fim da sua publicação se ir fazendo regularmente.

Igualmente pedimos aos camaradas que ainda não entregaram as importâncias com que subscreveram, a fineza de o fazerem até ao fim do corrente mês, a fim de podermos regularizar as nossas contas e habilitar-nos a satisfazer compromissos tomados.

Lista n.º 21

Transporte	670$73
José A. Azevedo	2$00
Manuel dos Santos	2$00
Manuel T. Magalhães	2$00
Floriano A. Branco	1$50
Fortunato C. Ferreira	1$00
Manuel José	1$00
João Baptista	1$50
Tomaz P. Costa	1$00
José A. Pinho	1$00
Agostinho P. Silva	1$00
Manuel J. Ribeiro	1$00
Luis A. Costa	1$00
Americo Monteiro	1$00
Manuel L. Oliveira	1$00
Carlos P. Gouveia	1$00
A. Loureiro	1$00
F. Pereira	2$50
Joaquim Rodrigues	1$00
Manuel Pinto	$50
Paulo Vieira	1$00
Soma	25$00

Lista n.º 26

Entregue por Reboredo:

Reboredo	20$00
Ismael P. Costa	10$00
João da Silva	10$00
Domingos A. Nunes	5$00
José Avelino Vieira	5$00
Francisco P. Leite	2$50
José Ribeiro Soares	5$00
Alvaro Machado	1$00
Simão dos Reis Brenha	1$00
Joaquim A. Bahia	1$00
Manuel J. Ribeiro	$50
Manuel Pereira	$50
Mario Augusto	$50
Adelio R. Ferraz	1$00
Abilio F. Carvalho	$50
Rodrigo Ribeiro	1$00
Luis F. S.	1$00
Santiago	1$00
Alfredo Carneiro	$50
Antonio M. Pires	$50
Soma	67$50
A transportar	772$23

(*Continúa*)

Subscrição aberta entre camaradas residentes na América para a compra de uma máquina de impressão

New Bedford, Mass

Transporte	1.185$22
José da Rosa	1$06
M. Pires Gonçalves	$53
Antonio Alves	2$13
José Santos	$53
Manuel Vieira	1$06
Artur Aguiar	1$06
Luis Albano	$74
Antonio Branco	$74
Pedro Teixeira	$53
Manuel Melo	$53
Luciano Teixeira	1$06
Manuel Carreira	1$06
Manuel Maria	$53
Filipe Pinto	1$06
Tereza P. Valente	1$06
A. Moura	1$06
Bento J. Pires	1$06
A. Leal Paço	1$06
Manuel Vicente	1$06
Manuel A. Pires	1$06
Luis Garcia	$53
Antonio Gonçalves	1$06
João Mouis	$53
José M. Sabino	$42
Manuel da Silva	$53
Joaquim Gomes	$53
Tomaz Piedade	$53
Joaquim Alberto	1$06
Manuel dos Reis	1$06
Manuel Beringuel	2$13
João Ornelas	$53
João Francisco	1$06
Antonio Dias	1$06
João Paulos	1$06
Alfredo da Cunha	1$06
João P. Faria	$53
José Martins	$53
Manuel R. Vogado	1$06
Manuel Vieira	$53
Alves Pinto	1$06
Lina Gionária	$53
Manuel Borges	$53
Antonio B. Alegre	2$13
Antonio L. Gago	1$06
José Dutra	$53
Manuel Rosa	1$06
Pró-«Aurora»	21$30
B. Louro	1$06
Antonio Mendes	$53
Padaria União	2$13
Jacinto Mota	1$06
Manuel Fonseca	1$06
José Gomes	1$06
Estevam d'Avila	1$06
Antonio S. Medeiros	2$13
José Teixeira	1$06
Frank S. Melo	1$06
Manuel P. Rebelo	1$06
Guilherme Andrade	2$13
A transportar	1:283$20

(*Continúa*).

O PROLETARIADO E A LINGUA INTERNACIONAL

Há pouco mais de dois anos que, reconhecendo que o proletariado se encaminha apressadamente para o grande empreendimento que é a Revolução Social, e como não se encontra apto a entrar em relações com os camaradas dos outros países, pois que ao mesmo tempo que descura a instrução não se apresenta ninguêm [illegible] a preparar o povo nesse sublime campo, fomos levados a fundar um modesto grupo para a difusão da Lingua Internacional no campo proletário.

Esse grupo é hoje, mercê de algumas boas vontades, do esforço e sacrificio de alguns camaradas, a florescente sociedade *Lisbone Verda Stelo*, que, contando, apesár de várias decepções, um razoável número de esperantistas, levantou a progressiva «Fratiga Stelo» de Belêm e a ridente «Esperantista Flegisto».

Mas, não pára aqui a sua missão de ensinar a Língua Internacional a quem deseja o bem da humanidade, o desaparecimento de fronteiras, a extinção de religiões e a igualdade de raças.

Não, não pára. Criou no Pôrto, com o auxílio de valiosos elementos de organização sindical revolucionária, a nova sociedade «Idealo kaj Laboro».

Para que a organização esperantista operária, isto é, para que destas sociedades resulte trabalho útil, é necessaria a coesão. Assim, se criou a «Portugala Laborista Esperanto-Federacio» (Federação Operária Portuguesa de Esperanto), que é já alguma coisa no movimento internacional, pelo seu trabalho e lugar nos grandes princípios da Emancipação Humana.

Em breves dias aparecerá o seu orgão na imprensa, «Labora». Para êle se chama a atenção não só dos esperantistas espalhados por todo o país e de todo o mundo, como também de todos os amigos da fraternidade universal.

O meu amigo, o camarada E. Adam, de Paris, diz na «Vie Ouvriere» a propósito do inquérito das Juventudes Sindicalistas Francesas, sôbre os dez melhores livros para instrução e formação dos jovens, que todos os internacionalistas, isto é, anarquistas e sindicalistas revolucionários, devem conhecer o «Fundamento Krestomatio» de Zamenhof.

Por conseguinte, sindicalistas e anarquistas de Portugal que ainda não conheceis o Esperanto, aprendei, sem demora, a Lingua Internacional, para estardes à altura de tam grandes quam nobres ideais; e aqueles que já conhecerem o esperanto, que venham ingressar nas nossas sociedades esperantistas operárias, dando-lhes um pouco de esforço e boa vontade na grande missão de educar o povo, tam falto de cultura.

TABANO,

(Esperantista operário).

GRÉVES

Continua a greve dos operários chapeleiros.

O patronato continua irredutivel, por sua via os operários conservam-se com firmeza no seu posto.

A Associação fez espalhar pelo público, um manifesto, apresentando a razão da sua nobre causa.

Folgamos que a vitória venha rápida, como é de tôda a justiça, e quando é certo que, os industriais nada perdem, pois que, o público já está a pagar os chapeus mais caros e, no entanto, os operários continuam em greve, debatendo-se no estrotôr da miséria, pela irredutibilidade do industrialismo.

1.º DE MAIO

MATOSINHOS-LEÇA

Exceden tudo quanto previamos a comemoração da data sangrenta do 1.º de Maio nesta linda vila.

A paralisação do trabalho foi por assim dizer geral o que deixou a burguezia local sériamente apreensiva, tam habituada estava a passar desapercebidamente nos demais anos êste dia de luto e revolta, embora sentisse, impreterívelmente os longínquos rumores das manifestações mais ou menos tumultuosas.

Logo de manhã tivemos a visita de uma delegação do Sindicato Unico da Construção Civil do Pôrto, que veio trazer as saudaçõs fraternais aos seus colegas d'aqui, pronunciando-se na séde da Construção Civil entusiásticos discursos de propaganda sindical e de incitamento ao estreitamento dos laços de solidariedade entre o operariado das diversas localidades.

A' tarde iniciado pela construção civil e com a adesão dos Sindicatos dos Maritimos, trabalhadores fluviais e pescadores, realizou-se um grande comicio, como ainda não se realisou nesta terra, pois foi assistido de alguns milhares de trabalhadores, no seio dos quais se encontravam muitos soldados e marinheiros que se associavam com entusiasmo ás manifestações aos seus irmãos do Trabalho.

Falaram Manuel da Silva, Alvaro dos Santos, David de Souza e António Pereira que fizeram sintéticamente a história do 1.º de Maio e demonstraram o valor da organisação operaria como meio de se conseguir do capitalismo maior soma de respeito pela vida dos que produzem.

A multidão aplaudiu com grosso entusiasmo as doutrinas espandidas por êstes camaradas, sendo erguidos vivas à Emancipação humana e à Revolução Social.

O último dêstes camaradas a certa altura do seu discurso foi interrompido pela autoridade que o prendeu e o fez seguir para a cadeia da vila. A multidão indignadamente ergeu o seu protesto contra tal façanha da autoridade duma República que tem como lêma, a estafadissima trilogia democrática — liberdade, egualdade e fraternidade.

No final desta importante reunião foi aprovado um protesto contra a lei de excepção, obra prima do nosso jámais esquecido Batistinha e contra as perseguições exercidas pelo mesmo senhor contra aqueles que, tendo um ideal cheio de pureza o propagam aos seus semelhantes com o desassombro de verdadeiros convictos.

Os delegados do Pôrto foram depois à Foz saudar os camaradas da Secção Sindical ali inaugurada à pouco, fazendo aí uma larga sementeira dos princípios de emancipação humana.

Foi sem dúvida uma bela jornada o dia 1.º de Maio de 1920, nesta praia, que muito ha-de contribuir para o asselaramento da Revolução Social.

— Quando esta carta estava prestes a seguir o seu destino fomos informados que o camarada António Pereira após 24 horas de clausura, tinha sido restituido à liberdade.

A prisão dêste camarada seria talvez para amedrontar êste povo, até aqui vivendo numa resignação revoltante?

Pois se assim é, enganam-se, o povo productor desta terra principiou a despertar. E já não são as perseguições que entravam a marcha natural da Revolução.

E êste pôvo também sentiu deslumbrar-lhe nos olhos o clarão purificador que despontou lá para as bandas do Oriente.

EM GUIMARÃES

A comemoração do 1.º de Maio teve nesta cidade um aspecto festivo, tendo-se de manhã organizado um cortejo que, acompanhado duma banda de musica foi à estação dos caminhos de ferro aguardar a chegada dos delegados do Pôrto.

A tarde realizou-se um comício que o mau tempo prejudicou bastaute.

Na sessão soléne realizada à noite falaram diversos oradores entre os quais Maria Izabel e Anastácio Ramos que dissertaram sôbre o Regime de oito horas e a transformação social.

Foram também levantados protestos contra o encerramento dos Sindicatos de Lisboa e de «A Batalha» e contra as prisões de trabalhadores,

A COMUNA teve larga venda nesta cidade.

POVOA DE VARZIM E VILA DO CONDE

Por absoluta falta de espaço deixamos de publicar no número passado de A COMUNA, o final do relato da manifestação do 1.º de Maio, realizado nestas localidades, o que, porêm, fazemos hoje.

Nas duas reuniões foi tirada uma quête para auxílio de «A Comuna» e «A Batalha» que rendeu 8$29.

A' noite o camarada Costa Carvalho fez duas conferencias de propaganda social nos sindicatos da Construção Civil, e Construção Naval de Vila do Conde.

Também às 21 horas e meia o camarada J. G. Pereira fez uma conferência na União dos Sindicatos da Povoa de Varzim sôbre as vantagens da organização dos sindicatos únicos por industrias e qual a sua misãos na sociedade futura.— C.

SINDICATO UNICO DAS CLASSES DA INDUSTRIA MOBILIARIA DO PORTO

NOTA OFICIOSA

Tendo chegado ao conhecimento, oficialmente, da comissão organizadora, que se encontram em luta as classes mobiliárias de Braga, previnem-se todos os camaradas de que não devem trair aquêles que lutam por melhoria de situação, assim como devem procurar impedir que outros camaradas dos arrabaldes vão desempenhar o papel de traidores.

A Comissão.

LEIAM

A minha defesa

POR

JORGE ETIEVANT

Preço, 50 reis

O PARASITISMO

O parasitismo é o antípoda da vida social, a qual é caracterizada por uma vantágem e aperfeiçoamentos recíprocos. O parasitismo, pelo contrário, tem por efeito uma diminuição correlativa da potência vital no animal que o sofre, *e de complexidaee orgânica no que o exerce.*

ESPINAS.

Aos nossos assinantes da América do Norte

Participamos aos nossos estimados assinantes dos Estados Unidos da América, que podem fazer o pagamento das suas assinaturas ao nosso camarada Manoel Moutinho, 124 c County Street — New Bedford Mass.

MOVIMENTO SOCIAL

UNIÃO DOS SINDICATOS OPERARIOS DO PORTO

SESSÃO FEDERAL DO DIA 11

Reuniu sob a presidencia do delegado do Sindicato U. Metalurgico, tendo como secretários os delegados dos Sindicatos dos Operários Alfaiates e Manufactores de Calçado.

Entre o expediente foi apreciado um ofício dos Operários Chapeleiros, apelando para a solidariedade operária, visto já estarem há cerca de 20 dias em luta; resolvido chamar a atenção das classes federadas. Outro ofício dimanado da Juventude Sindicalista, notificando o resultado da quête tirada no comicio das Fontainhas e a fórma como foi distribuida.

Em seguida são debatidos varios assuntos, entre os quais a urgente necessidade de se adquirir uma casa com as comodidades e condições exigidas pela organização moderna, para instalação deste organismo e do maior numero possivel de sindicatos, sendo resolvido, em harmonia com o convite do S. U. M. nomear dois delegados que, conjuntamente com os sindicatos, se procure a maneira viavel de se atingir este objetivo.

Os delegados dos Operários Chapeleiros comunicam á assembleia, para que se torne do conhecimento do proletariado consciente, que a respectiva Associação montou na sua séde, rua do Bomjardim, 800-1.º, uma oficina sindical, que toma conta de todos os trabalhos para auxilio dos camaradas grévistas mais necessitados, oficina esta que trabalha por preços mais rasoaveis do que em qualquer outra casa.

O delegado dos Operários Botoeiros comunica que a sua classe continúa em grêve parcial, solicitando o auxílio das demais classes.

Passando no proximo dia 16 o 3.º aniversário da fundação dêste organismo, resolve-se que esse dia fôsse devidamente comemorado, para o que a comissão administrativa ficou com plenos poderes.

— Esta União lembra a todos os sindicatos federados para que forneça, no mais curto espaço de tempo possivel, todos os elementos que sirvam para a organização conveniente da sua escrita e mapas estatisticos.

MANUFATORES DE CALÇADO

Reuniu a direcção dêste sindicato, apreciando a resposta de uma comissão que foi entender-se com o industrial Ribeiro Costa & C.ª, com oficina na rua do Almada, por causa do excesso de horas de trabalho a que estava sugeitanda o seu pessoal de dia.

Aquêle industrial declarou à comissão que foi apenas enquanto teve de fazer o mostruario, mas que, daquêle dia em diante, continuavam com o horario das 8 horas.

A comissão retirou-se satisfeita com a resposta do industrial. Mas acaba de chegar ao conhecimento da direção que o mencionado roceiro, para se vingar da denúncia que foram fazer à associação, pôz a trabalhar à hora todas as costureiras e dando-lhe a liberdade de trabalhar as horas que quizessem, com a agravante de lhe pagar um salario infimo.

A direção resolveu levar o caso ao conhecimento de uma assembleia geral para resolver o caminho a seguir.

ASSOCIAÇÃO DOS CARTONAGEIROS

Esta novissima associação, enviou aos industriais as bases de reclamação de aumento de salario.

Na última segunda-feira, reuniu a classe, em sessão magna, para apreciar as respostas dos industriais, constatando que estes não davam uma resposta concreta à classe, motivo porque resolveram reunir no dia seguinte, para resolver o caminho a seguir.

— De facto, reuniu novamente a classe na terça-feira, sendo lidos oficios de alguns industriais em resposta ás circulares da Associação. Como as respostas não fôssem satisfatórias, excéto a da firma Julia Albertina de Lemos — «A Nova Aurora» — que assinou a tabela na integra, foi votada a grêve em principio, ficando de reunir novamente no dia 14, para resolver em difinitivo.

UNIÃO DOS SINDICATOS OPERÁRIOS DO PORTO

Efectuou-se em 4 do corrente a Assemblea federal dêste organismo local a que presidiu o camarada Joaquim Silva, tendo como secretários os camaradas António de Carvalho e João Rodrigues.

Foi registada com grande contentamento a unificação da classe dos alfaiates desta cidade que até aqui têem estado dividida em duas colectividades, êrro êsse que teve seu fim, por deliberação das respectivas assembleias últimamente realizadas se acordou em que, não sendo de bôa tática sindical continuar a classe dividida, as duas colectividades fôssem dissolvidas e fundado o Sindicato dos Alfaiates do Pôrto, para o que já fôram discutidos e aprovados pelo novo organismo, os estatutos.

A seguir é lido um ofício da U. S. O. de Gaia, manifestando a sua plena concordância com a doutrina exposta no manifesto do 1.º de Maio.

Passa-se depois à recomposição da Comissão Administrativa, em virtude do afastamento para fóra do país do camarada Armando Cardoso, que vinha exercendo o logar de secretário geral, a qual ficou organizada da seguinte forma:

Secretário geral, Joaquim da Silva; secretários adjuntos, Manoel G. Vidal e António Carvalho; secretário arquivista, Ribeiro Dias; tezoureiro efectivo, Carlos de Sousa; tezoureiro adjunto, António Pacheco. Ficando a nomeação do vogal cobrador para a próxima reunião.

Depois a assemblea apreciou a forma como foi prêso o camarada Vitór Martins, da Construção Civil que após ter falado no comício das Fontainhas foi assaltado por um bando de polícias da Segurança que no acto da prisão, feita de pistolas em punho, o insultaram, chamando-lhe gatuno.

E' devéras infame que criaturas recrutadas na mais baixa espécie da sociedade que, em nome duma república democrática, conspurquem assim o nome dum operário honesto, que só de trabalho vive e por mais êste atentado contra a espansão do pensamento e contra a liberdade individual, que estão à mercê de tais criaturas foi exarado um protesto de justificada indignação.

* * *

Esta União acaba de distribuir pelos sindicatos aderêntes a circular n.º 3 da C. G. T. para a qual chama a imediata atenção das mesmas colectividades atenta a importância dos assuntos nela tratados, esperando que não se farão demorar na devolução da mesma para a secretaria desta União com o questionário devidamente preenchida.

SINDICATO UNICO DA INDUSTRIA DO MOBILIÁRIO DO PORTO

As classes que compõem esta indústria efetuaram no dia 2, no vasto salão da U. E. do Comércio a inauguração soléne do seu Sindicato.

A' sessão presidiu o camarada Maciel Barbosa que, duma forma muito clara, expoz à numerosa assistência o alcance social e económico que os Sindicatos Unicos têem nas modernas lutas operárias salientando a necessidade de todos os componentes da indústria engressarem no novo organismo afim de que êste adquira a imprescindivel robustez de modo a habilitá-lo a cumprir a sua missão como orgão de luta de classe.

Aparte alguns recitativos adquados ao acto, discursaram Luís A. de Carvalho, representante dos operários da Carris; Bernardino Lopes, dos Chapeleiros Portuenses; A. M. Abrunhosa, dos E. do Comércio; M. P. Braga, do Sindicato Unico Metalúrgico; David de Oliveira e António Fernandes de Castro.

Antes de ser encerrada a sessão, que decorreu com indiscritível entusiásmo, foi aprovada por unânimidade uma moção que termina assim:

1.º — Protestar contra as leis de excepção e contra as perseguições que se fazem à Liberdade de reunião, da imprensa e contra as prisões sem motivo justificado.

2.º — Saudar o jornal *A Batalha* pela defeza inquebrantável que tem sustentado em defeza das classes trabalhadoras.

3.º — Saudar todos os prêsos por delitos sociais.

No final foi tirada uma quête em favor dos camaradas chapeleiros em greve que rendeu 5$37, bem como foi registado o resultado da subscrição aberta nas oficinas para auxiliar *A Batalha*, que fechou com a quantia de 33$70.

SINDICATO UNICO METALURGICO DO PORTO

Reuniu no dia 29 do mês findo êste florescente organismo de indústria, afim de se proceder à nomeação dos delegados profissionais ao Conselho Técnico e de Melhoramentos, reunião esta que foi largamente concorrida.

Antes da ordem dos trabalhos foi devidamente apreciada a circular n.º 4 da C. G. T. na qual se apelava para a solidariedade material do proletariado organizado para assim se evitar uma possível suspensão, por falta de recursos, do denodado campeão na imprensa, *A Batalha*, ficando resolvido por unanimidade auxiliar aquêle nosso colléga com a cóta mensal, e por sindicado, de $5 centavos.

A seguir a esta resolução, e como constasse da mesma circular, foi definitivamente dada a adesão àquêle organismo nacional, sendo esta aprovação coroada com estridentes e entusiásticos vivas à C. G. T., à *A Batalha*, etc.

Depois dêstes e outros assuntos serem largamente esplanados e discutidos, foi a sessão encerrada, ficando o assunto da ordem dos trabalhos para ser tratado numa próxima sessão.

TAMANQUEIROS PORTUENSES

Comemorando o 33.º aniversário da sua fundação, realisou-se no último domingo, na respectiva séde social uma brilhante sessão soléne a que presidiu o secretário geral da U. S. O. que representava também a C. G. T., secretariado pelo representante da Federação de Indústria de Calçado e um membro da classe.

Após uma breve e elucidativa alocução em que salientava as inumeras vantagens da união de todos os produtores dentro dos principios sindicais procedeu-se ao descerramento do retrato do falecido camarada Francisco da Fonseca Alves que a este baluarte dedicou o melhor do seu esfôrço e sincera dedicação.

A seguir falaram vários representantes de colectividades, sendo comunicada pelo delegado do Sindicato Unico Metalúrgico uma saudação do prestimoso camarada Jerónimo de Sousa, secretário geral da Federação Nacional de Couros e Peles, que se encontra encarcerado na cadeia da Relação, por delito social.

Durante a sessão foi tirada uma quête para *A Batalha* que rendeu 5$72 e outra para os camaradas chapeleiros em luta que rendeu 3$10.

Esta sessão que decorreu sempre com muito entusiásmo foi abrilhantada com um quinteto musical que executou vários hinos revolucionários acompanhados em côro pela numerosa assistência.

Tomou-se também conhecimento, nesta sessão que ao apêlo feito pela F. da I. Couros e Peles a favôr dos prêsos implicados nos acontecimentos de Guimarães, esta classe correspondeu duma maneira admirável, que bem prova a sua compreensão sôbre os devêres de solidariedade entre trabalhadores, contribuindo para tal fim com a importância superior a 80$00, proveniente de uma subscrição voluntária.

A MOCIDADE E O SINDICALISMO

Realizou no último domingo, na séde da União dos Sindicatos Operários desta cidade a conferência que tinhamos anunciado o nosso camarada Serafim Cardoso Lucena, a convite da Juventude Sindicalista.

O nosso camarada que falou durante 2 horas desenvolveu com rara proficiência os seguintes pontos: *Rapida história do sindicalismo no Pôrto; A acção libertária dentro dos sindicatos até 1909; O aparecimento das juventudes sindicalistas; Por que estas e não as juventudes libertarias? Sua benefica acção no terreno sindical. As juventudes sindicalistas devem ou não dar orientação comunista libertária à sua missão propagadora?*

Estes pontos foram largamente esplanados demonstrando o conferente, com grande soma de argumentação a sua opinião quanto à orientação das juventudes sindicalistas no seio da organização sindical — optando pela propaganda abertamente comunista libertária.

Esta conferência foi repleta de insinamentos de que muito hão de aproveitar aqueles, que a ela assistiram, na sua quási totalidade jovens, e oxalá que não nos enganemos, pois que é na juventude que está a esperança duma nova éra social.

Quantos homens não têem feito esta maldita metafísica ¡Eh! meus amigos, ¿que vos importa que haja Deus ou que não haja Deus, nem diabo, nem anjos, nem paraíso, nem inferno?

¿Não sabeis que quereis ser felizes, que os outros têem os mesmos desejos que vós; que não há felicidade verdadeira para vós senão pela necessidade que tendes uns dos outros e pelo socôrro que esperais dos vossos semilhantes e que os outros esperam de vós?

Fazei, pois, o bem enquanto existis, e adormecei no último sôno tam tranquilos sôbre o que haveis de ser como o estais sôbre o que ereis há algumas centenas de anos. O mundo moral está de tal modo ligado ao mundo físico que não há grandes probabilidades de que não sejam uma só e mesma máquina.

Fostes um átomo dêsse grande todo, e a outro átomo dêsse mesmo grande todo vos reduzirá o tempo. Entretanto, tereis passado por uma multidão de metamorfóses; fazei com que o vosso indíviduo seja respeitado, não só por si mesmo, como pelos que com êle coexistem e pelos que depois dêle hão-de vir.

DIDEROT.